

'Diálogo de Lula com o meio empresarial está pequeno', diz Gerdau

'Se Lula chamar, é possível ponte com setor produtivo'

— Diálogo 'muito pequeno' com empresários limita a busca de soluções para o País, avalia industrial

ENTREVISTA

Jorge Gerdau
Presidente do conselho do Movimento Brasil Competitivo

BEATRIZ BULLA
RICARDO GRINBAUM

Há mais de duas décadas o empresário Jorge Gerdau Johannpeter lidera o debate público sobre o chamado Custo Brasil, o gasto adicional que empresas brasileiras têm para produzir no País, em razão da complexidade de encargos e tributos nacionais. Em entrevista ao Estado, Gerdau, presidente do conselho superior do Movimento Brasil Competitivo, disse que há um "desconhecimento político" sobre o tamanho da crise de competitividade brasileira e que o "marasmo burocrático" se tornou o principal teto para o crescimento.

Ao falar sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Gerdau disse que o chefe do Executivo tem tido pouco diálogo com o empresariado e se declarou angustiado por não vislumbrar como o governo vai equilibrar a questão orçamentária e a relação com o Congresso.

"Tínhamos alguns nomes da área econômica que definiriam voto a favor do presidente Lula e, com as declarações do presidente, esse pessoal foi se afastando. No Brasil, ninguém tem condições de resolver os problemas sem mobilização de todas as frentes", afirma. Se Lula fizer um "chamamento", diz Gerdau, ainda é possível estabelecer uma ponte com o setor privado.

O empresário também critica o baixo envolvimento do empresariado na política. "É insuficiente para ajudar na solução dos problemas macropolíticos que nós temos", diz.

A seguir, os principais trechos da entrevista.

Pelo Movimento Brasil Competitivo, o sr. tem sido um defensor da redução do chamado Custo Brasil, estimado em R\$ 1,7 trilhão ao ano. Qual o obstáculo para superar o problema?

O MBC é uma entidade que tem 22 anos, mais ou menos, e nasceu com os temas de tecnologia de gestão. Dentro de vá-



'Para resolver, é preciso mobilizar todas as frentes', afirma Gerdau

rios projetos grandes, nos concentramos em quatro frentes essenciais: governança, projetos de tecnologia operacional, Custo Brasil e educação. Focamos nos últimos anos de forma muito intensa no tema Custo Brasil, porque ele é decisivo na competitividade do País. Eu diria que tecnicamente esses temas todos estão razoavelmente estruturados, mas o maior problema é sua condução política. E daí a importância de fazer esse debate. Quando tenho uma estrutura tributária, burocrática ou de energia, seja o que for, e encareço a cadeia produtiva com essa estrutura, perco minha capacidade para competir com as importações

e perco a minha capacidade competitiva de exportação. O maior fator do não crescimento do setor industrial está conjugado no tema do Custo Brasil. Alguns exemplos clássicos: se você tomar o sistema tributário, tem entre 6% a 8% de custo de cumulatividade tributária em todos os produtos na cadeia produtiva. Isso atinge o resto dos setores. Essa estrutura é obsoleta e não corrigida. Existe um desconhecimento político da dimensão dessa crise. Nós estamos 20, 30 anos atrasados. No mundo inteiro, os encargos da folha de pagamento são aqueles vinculados exclusivamente à folha de pagamento. Nos EUA ou na Euro-

pa, o empregado praticamente leva para casa próximo a 70%, 75% daquilo que ele custa. No Chile, o número é ainda mais favorável, leva 85% para casa aquilo que custa. No Brasil, tenho encargos que fazem com que o operário leve praticamente metade do que custa. Construímos uma burocracia estatal, tributária e de outros encargos de uma forma em que realmente reduzimos nosso custo competitivo. É um pecado que se faz em relação a toda a sociedade.

Há anos falamos de Custo Brasil e reforma tributária. Qual sua expectativa sobre a reforma e, do que o sr. viu, acha que é um projeto capaz de reduzir o Custo Brasil?

Nos meios técnicos, esse tema vai maturando. Politicamente, estamos quase a zero ainda. A reforma tributária, em si, como está sendo debatida por muitos governos, há muito tempo, tem uma perspectiva um pouco melhor. No mundo, o IVA (Imposto sobre Valor Agregado, que simplifica tributos) tem praticamente um único imposto para todos, mas eventualmente duas categorias, talvez três. Pessoalmente sou favorável, porque aqueles produtos absolutamente necessários, da alimentação etc, têm um crédito para baixar o custo ao máximo para a população de baixa renda, especialmente. Um IVA só é um tema bastante difícil de ser conseguido. Como o diálogo político no Brasil é muito complexo, as regiões que estão estruturadas na base da agricultura têm um temor enorme. Mas, se for feito um IVA inteligente, eles não perdem. Ao contrário. Eles hoje pagam os impostos absurdos que estão em cima de uma máquina agrícola ou em cima do adubo, eles poderiam ter o benefício de uma limpeza tributária na exportação. Só o fato de existir a dimensão do Custo Brasil é um símbolo da subcultura econômica do processo político e do próprio processo executivo.

E a expectativa sobre a reforma?

Olha, é muito difícil, mas estou convicto, com nossa experiência empresarial internacional e local, de que essa é uma peça decisiva. E não é em benefício da indústria, é em benefício da sociedade toda. Não tem de inventar muito, tem de olhar o benchmarking (referência) do mundo. O que existe hoje na parte tributária? Não existe mais no mundo esse emaranhado que temos (no Brasil). Trabalho com 40 mil livros (fiscats) na Gerdau. Para cada imposto, em qualquer filial, tem de fazer o livro fiscal. É livro que não acaba mais. E quase impossível que não tenha erros nesse processo. É um marasmo de

papelada e burocracia. Qual país do mundo desenvolvido não usa o IVA? Todos usam. Só os EUA, não, porque não têm imposto na estrutura industrial. Aqui no Brasil, no debate de interesses de áreas, querem um tipo de imposto que não tem em lugar nenhum do mundo, com a ilusão de que vão conseguir pagar menos na sua empresa. O pessoal olha o seu pedacinho. Eu digo: pare de detalhar as coisas e olhe o que o mundo faz. Se eu tenho os 30, 40 principais países do mundo fazendo desse jeito, eu tenho de fazer estupidamente igual.

Sobre o presidente Lula: o sr. conviveu com ele em governos anteriores. Sente diferença em comparação com outros mandatos?

O diálogo do presidente com o meio empresarial está muito pequeno. Tínhamos alguns nomes da área econômica que definiriam voto a favor do presidente Lula e, com as declarações do presidente, esse pessoal foi se afastando. Tivemos uma perda de nomes de primeira qualidade que potencialmente poderiam ajudar nesse processo. No Brasil, ninguém tem condições de resolver os problemas sem mobilização de todas as frentes.

"Tivemos uma perda de nomes de primeira qualidade que poderiam ajudar nesse processo. No Brasil, ninguém tem condições de resolver os problemas sem mobilização de todas as frentes"

Lula perdeu ou ainda tem essa capacidade de mobilizar todas as frentes?

A competência pessoal do presidente Lula é muito grande. Se ele inverter um pouco o esforço e fizer um chamamento, acho que ele consegue, mas eu não sei se não tem fatores de natureza ideológica que estão limitando. O risco de não usar potenciais máximos de ajuda é muito ruim. No Brasil, se não chamar gente de tudo o que é canto, você não faz.

Como o sr. vê o envolvimento do empresariado nos debates relevantes?

O envolvimento do empresário no País é insuficiente para ajudar na solução dos problemas macropolíticos que temos nesse tema de governança. Há motivos, porque a imagem do processo político não é muito boa, então o empresário procura fugir. Eu, pessoalmente, tenho me envolvido um pouco mais nesse processo. Tenho feito isso toda vida e continuo fazendo. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Negócios Caderno: B Pagina: 12